

# DE NIETZSCHE A PAULO FREIRE: A PROPOSTA DE ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA DE DOUGLAS KELLNER

Otavio Daros

[otavio.daros@gmail.com](mailto:otavio.daros@gmail.com)

Mestre em Comunicação Social pela  
Pontifícia Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul (PUC-RS)

DOI: 10.21882/ruc.v8i15.841

Recebido em: 14/09/2020

Aceito em: 26/11/2020

126

*FROM NIETZSCHE TO PAULO  
FREIRE: DOUGLAS KELLNER'S  
MEDIA LITERACY PROPOSAL*

## RESUMO

Em tentativa de se instalar no campo de educação da mídia, Douglas Kellner esboça a proposta de um estudo cultural crítico que reúne diferentes perspectivas teóricas. O acadêmico norte-americano desenvolve epistemologicamente uma matriz para interpretar e criticar as produções culturais da mídia. O termo chave é, nesse sentido, multiperspectivismo crítico, inspirado, talvez, na sua leitura da filosofia de Friedrich Nietzsche. Todavia, também se fazem presentes ideias encontradas na obra de Paulo Freire, visto o interesse em fazer os estudos ganharem caráter prático e finalidade pedagógica. Kellner apresenta, então, sua proposta de alfabetização midiática.

Palavras-chave: Abordagem multiperspectiva. Alfabetização midiática. Teoria crítica da mídia. Paulo Freire.

## ABSTRACT

*In an attempt to establish himself in the field of media education, Douglas Kellner outlines the proposal for a critical cultural study that brings together different theoretical perspectives. The North American academic epistemologically develops a matrix to interpret and criticize media cultural productions. The key term is, in this sense, critical multiperspectivism, inspired, perhaps, by his reading of Friedrich Nietzsche's philosophy. However, ideas found in Paulo Freire's work are also present, given the interest in making the studies gain practical character and pedagogical purpose. Kellner, then, presents his proposal for media literacy.*

*Keywords: Multiperspectivist approach. Media literacy. Critical media theory Paulo Freire.*

## **Apresentação dos aspectos teórico-reflexivos**

A proposta de estudo cultural crítico apresentada pelo teórico da mídia Douglas Kellner, professor da Escola de Pós-Graduação em Educação e Estudos da Informação na Universidade da Califórnia, tem a pretensão de dialogar com diferentes tradições do pensamento contemporâneo. A seu ver, as teorias nos ajudam a enxergar mais longe, combiná-las então parece ser a estratégia mais eficiente quando se busca “ver o que a cultura e o espetáculo da mídia revelam sobre o mundo, e como a cultura funciona para moldar o desejo, o comportamento e a identidade” (KELLNER, 2003a, p. 28-29)<sup>1</sup>.

Tal modo de ver exige que a cultura e a sociedade contemporânea sejam compreendidas “em termos de relações de poder, dominação e resistência, articulando as várias formas de opressão em dada sociedade por meio de perspectivas multiculturais” (KELLNER, 2001, p. 124).

Trata-se de uma proposta teórica que busca rever as tendências dos estudos culturais britânicos, ao mesmo tempo que pretende manter a apropriação da teoria crítica da Escola de Frankfurt, que configurou seus primeiros exames da mídia no contexto do capitalismo avançado (DAROS, 2018a). Nesse sentido, o autor trabalha para elaborar uma abordagem teórica sob a orientação do que chamou de multiperspectivismo crítico:

*Negligenciar a economia política, festejar o público e os prazeres do popular, deixar de lado as questões de classe e ideologia e não analisar ou criticar a política dos textos culturais são maneiras de transformar os estudos culturais em apenas mais uma subdivisão acadêmica inofensiva e, em última análise, favorável sobretudo à própria indústria cultural. Evitar tal desenvol-*

*vimento conservador dos estudos culturais, ousamos dizer, exige uma abordagem multiperspectívica que dê atenção à produção da cultura, aos próprios textos e à sua recepção pelo público (KELLNER, 2001, p. 63; ver também DAROS, 2018b).*

Esta abordagem teria raízes no pensamento de Nietzsche, visto que o alemão questionou as reivindicações tanto da filosofia quanto da ciência como se fossem portadoras do único caminho para a verdade. A obra de Nietzsche é percebida enquanto um reflexo da potência de tal questionamento, por combinar “muitas perspectivas, incluindo a filosofia, a ciência, a história, a análise social, a psicologia, a estética e até mesmo o mito” (KELLNER; BEST, 1997, p. 72; ver NIETZSCHE, 1976). Embora seja reconhecido sobretudo como filósofo, Nietzsche surgiu em vários momentos na história como filólogo, crítico cultural e estético, além de teórico social, como recorda o estudioso norte-americano.

O pensamento de Nietzsche oferece, assim, “uma poderosa arma para criticar a unilateralidade e o reducionismo de muitas formas da teoria moderna” (KELLNER; BEST, 1997, p. 72). Valendo-se deste exemplo, o autor reforça a ideia de que quanto mais perspectivas de interpretação forem utilizadas criticamente para analisar determinada produção cultural, mais enriquecida poderá ser a leitura sobre o tema. Todavia, cabem algumas ressalvas:

*Obviamente, uma única leitura — marxista, feminista, psicanalítica, etc. — pode render conclusões mais brilhantes no estudo de alguns fenômenos do que a combinação de várias leituras perspetivas; “mais” não é necessariamente “melhor”. Contudo, o emprego de várias perspectivas críticas de um modo proficiente e revelador tem mais probabilidade de possibilitar uma leitura mais consistente (mais plurilateral, elucidativa e crítica) (KELLNER, 2001,*

<sup>1</sup> As traduções dos textos de Douglas Kellner foram realizadas pelo autor deste artigo. O mesmo

vale para as citações referentes aos trabalhos de Neil Postman e Carmen Luke.

p. 130).

Na valorização do multiperspectivismo, Kellner reconhece as possibilidades de teorização a partir de diferentes correntes do pensamento. Ao mesmo tempo, sinaliza as limitações apresentadas por cada uma delas:

As críticas feitas com base na ideologia marxista sempre foram fortes na contextualização histórica das classes e fraca na análise formal, sexual e racial; o feminismo é excelente na análise de aspectos sexuais, mas às vezes ignora questões de classe, raça e outros determinantes; o estruturalismo é útil na análise da narrativa, mas tende a ser excessivamente formal; e a psicanálise convida à hermenêutica da profundidade e à articulação do conteúdo e dos significados do inconsciente, mas às vezes ignora a determinação sociológica dos textos e dos indivíduos. Portanto, quanto mais métodos críticos como esses tivermos em mãos, maiores serão as probabilidades de produzir leituras críticas reflexivas e multilaterais (KELLNER, 2001, p. 131).

Kellner também sublinha o papel das teorias pós-estruturalistas que destacaram a “importância da diferença, da marginalidade, da heterogeneidade e do multiculturalismo, chamando a atenção para dimensões de experiências, grupos e vozes que foram suprimidas na tradição moderna” (KELLNER, 2003b, p. 6). Ou seja, há um esforço para refinar as interpretações da cultura da mídia.

Quer-se evitar questionamentos dicotômicos, como, por exemplo, a audiência influencia a mídia, “ou” o público é influenciado pela mídia? Para não se deixar envolver por esse problema, o multiperspectivismo buscaria elevar o grau de complexidade das percepções, em vez de categorizar e limitar as produções culturais em, por exemplo, conservadoras “ou” liberais.

**Certas estratégias metodológicas são, sem dúvida, incompatíveis entre si; por isso, a abordagem multiperspectiva deve optar**

entre perspectivas opostas, com base na tarefa em pauta e nos objetivos em vista. Para algumas finalidades, pode ser útil enveredar por uma leitura de cunho feminista, enquanto para outras pode ser possível fazer leituras polivalentes, abordando um texto de várias perspectivas. A posição multiperspectiva, porém, que não é mero ecletismo liberal nem *pot-pourri* de diferentes pontos de vista, deve permitir que suas várias perspectivas se informem e modifiquem mutuamente (KELLNER, 2001, p. 131).

O multiperspectivismo incentiva a compreensão de que a mídia não apresenta a realidade de forma transparente, “porque as mensagens da mídia são criadas, moldadas e posicionadas por meio de um processo de construção” (KELLNER; SHARE, 2007, p. 10). Esse processo de construção das mensagens apresenta inúmeros fatores que dizem respeito tanto ao significado dos textos, quanto ao contexto de produção, distribuição e consumo. Isso significa concluir, desde já, que um texto pode apresentar elementos contraditórios, na tentativa de “enveredar por ambas as vias para cativar o maior público possível, enquanto outros difundem posições ideológicas específicas que muitas vezes são esmaecidas por outros aspectos do texto” (KELLNER, 2001, p. 123).

Os textos da cultura da mídia são complexos e exigem leituras polivalentes. No entanto, não são tão polissêmicos que possam significar qualquer coisa, e o público é levado a aceitar certas posições por meio da mobilização de todo o aparato cinematográfico, televisivo, etc. Embora ele possa resistir às leituras “dominantes”, não é certeza que sempre faça isso, e são poucos os indícios a fundamentarem a crença de que ele sempre lê os textos contrariamente à cultura dominante (KELLNER, 2001, p. 150).

Na medida em que a cultura da mídia permeia, em ritmo crescente, todas as esferas da vida, surgem novos autores interessados

em contribuir com reflexão a respeito do tema. Kellner apresenta-se como um deles. Propõe uma discussão de fundo teórico, mas que também estimula a ação politizada, pretendendo ultrapassar, portanto, as barreiras acadêmicas. O autor quer fazer seus estudos ganharem caráter prático e finalidade pedagógica. Ele salienta, nesse sentido, a importância de cultivar uma pedagogia que ensine a ler e a decodificar as imagens e os textos, que emergem da cultura da mídia.

A dimensão pragmática de seu estudo multiperspectivo apresenta-se como “alfabetização midiática” (*media literacy*), como será exposto a seguir.

### **Exposição da dimensão pragmática da teoria de Kellner**

Segundo Kellner (1998), existe um debate histórico sobre como o campo de pedagogia da mídia deve avançar. Duas abordagens têm especialmente estimulado essa discussão nas últimas décadas. A primeira é caracterizada pelo viés tradicional no sentido protecionista; a outra, apresenta-se como liberal e multicultural.

Os acadêmicos que pertencem à linha tradicional tenderiam a reforçar a visão da mídia como conjunto de instituições manipuladoras, e incentivam os alunos na busca de informação e no desenvolvimento do gosto estético por meio da mídia alternativa. Fala-se também em formas de resistência por meio das produções ligadas à alta cultura. Os livros, no caso, são considerados a principal fonte de conhecimento, em oposição ao jornal, à televisão e ao rádio.

Essa abordagem seria ilustrada pelas obras de Neil Postman, professor da Universidade de Nova York, e autor de livros como *Amusing ourselves to death* (1986) e *Technopolis* (1993). De acordo com ele, o processo de transformação da mídia, sobretudo com o predomínio da televisão até a ascensão da internet, não resultou necessariamente em um

equilíbrio no modo que nos relacionamos com a informação. “Às vezes, ela cria mais do que destrói. Às vezes, é o contrário. Devemos ter cuidado ao elogiar ou condenar, porque o futuro pode nos guardar surpresas. A própria invenção da imprensa escrita é um exemplo paradigmático” (POSTMAN, 2006, p. 29).

Já Kellner faria parte do movimento acadêmico de oposição ao protecionismo. Carmen Luke (1996), Gunther Kress (2003), Jeff Share (2009) e Renee Hobbs (2011) também aparecem como colaboradores desse campo, reconhecido como “alfabetização midiática” (*media literacy*). Trata-se de uma abordagem que valoriza a mídia, ao mesmo tempo que busca ensinar os alunos a ler, analisar e decodificar textos retirados tanto da mídia tradicional quanto da mídia alternativa. Para os autores deste grupo, “é claro que os educadores têm a responsabilidade de ensinar esta e as gerações subsequentes a fazer perguntas críticas sobre a política, a forma e o conteúdo que refletem o mundo de volta para nós a partir de nossas múltiplas telas”, bem como “os alunos têm o direito de estar equipados com habilidades meta-analíticas”, para entender, por exemplo, como “a forma e o conteúdo do conhecimento são moldados por interesses comerciais” (LUKE, 2007, p. 57).

A alfabetização midiática pretende, por essa via, desenvolver análises da cultura da mídia como produto da “luta social”, e está comprometida em “ensinar os alunos a criticar representações e discursos da mídia, mas, também, em enfatizar a importância de aprender a usar a mídia como formas de autoexpressão e ativismo social” (KELLNER, 1998, p. 7).

Em outras palavras, a alfabetização midiática diz respeito a um projeto pedagógico que defende o estudo crítico da mídia, ao passo que busca entender como a cultura se relaciona com questões sociais e políticas.

Quando as pessoas aprendem a perceber o modo como a cultura da mídia transmite representações opressivas de classe, raça, sexo, sexualidade, etc. capazes de influenciar pensamentos e comportamentos, são capazes de manter uma distância crítica em relação às obras da cultura da mídia e assim adquirir poder sobre a cultura em que vivem. Tal aquisição de poder pode ajudar a promover um questionamento mais geral da organização da sociedade e ajudar a induzir os indivíduos a participarem de movimentos políticos radicais que lutam pela transformação social (KELLNER, 2001, p. 83).

Fazendo uso dessa abordagem, Kellner quer relacionar o seu estudo cultural apoiado no multiperspectivismo crítico. A sua proposta é combinar: “1) análise da produção e da economia política dos textos com 2) análise e interpretação textual e 3) análise da recepção por parte do público e de seu uso da cultura da mídia” (KELLNER, 2001, p. 254). O autor busca fazer do presente estudo “uma tentativa de situar as produções culturais em contextos econômicos, sociais e políticos mais amplos dos quais elas emergem e nos quais exercem seus efeitos” (KELLNER, 2001, 74).

Ele está interessado em fornecer uma leitura mais politizada da cultura da mídia, que examine o modo como seus discursos, suas imagens e seus aspectos estéticos incorporam certas posições ideológicas e produzam efeitos políticos:

Pode-se ensinar como a cultura da mídia fornece declarações significativas ou ideias sobre o mundo social, capacitando visões de gênero, raça e classe ou estruturas e práticas estéticas complexas, colocando, assim, um giro positivo sobre como pode fornecer contribuições significativas para a educação. No entanto, devemos também indicar como a cultura da mídia pode promover o sexismo, o racismo, o etnocentrismo, a homofobia e outras formas de preconceito, bem como a desinformação, ideologias problemáticas e valores

questionáveis, promovendo uma abordagem dialética da mídia (KELLNER; SHARE, 2005).

O autor acredita que a alfabetização midiática pode oferecer aos indivíduos maior empoderamento sobre a cultura na qual estão inseridos e, assim, permitir que eles criem “seus próprios significados e identidades para moldar e transformar as condições materiais e sociais de suas cultura e sociedade” (KELLNER; SHARE, 2007, p. 16).

Nessa visão, a cultura da mídia revela sua função formadora na medida em que estimula padrões, valores e visões de mundo. Sabendo disso, os educadores devem elaborar estratégias para ensinar a alfabetização midiática com o objetivo de avançar em uma educação multicultural, e ajudar os alunos nessa conquista de maior empoderamento cultural.

Pois, contra McLuhan, que afirma que as gerações mais jovens são naturalmente alfabetizadas midiaticamente [MCLUHAN, 1964], eu argumentaria que o desenvolvimento da alfabetização crítica da mídia requer o cultivo de estratégias explícitas de pedagogia cultural e modelos de educação para a mídia. Todas as pessoas em uma cultura de mídia como a nossa [...] são capazes de ler e interpretar a multiplicidade de formas culturais com as quais interagem diariamente, mas sua alfabetização midiática é muitas vezes inconsciente e irrefletida, exigindo o cultivo de habilidades cognitivas de análise, interpretação e crítica (KELLNER, 1998, p. 7).

Para Kellner, a população, em muitas situações, não tem consciência crítica de que está sendo educada e posicionada a todo instante pela cultura da mídia, presente no jornalismo e no entretenimento. A cultura da mídia age, nesse sentido, como uma forma de pedagogia invisível, e que é absorvida inconscientemente pelos leitores/espectadores. Por isso, acredita que abordagens de viés crítico, que não ignorem a mídia, mas que a pensem no contexto da educação, são fundamentais

para a conscientização dos indivíduos. Trata-se de perceber como a cultura da mídia constrói significados e influencia a identidade e o comportamento de todos nós, em algum nível.

A educação tem sido tradicionalmente envolvida no processo de autoconstituição e, portanto, na construção de identidades. Um indivíduo autoconstituente é capaz de selecionar e avaliar ideias, valores, formas de comportamento, formas culturais, instituições e práticas sociais de um modo crítico e discriminatório, para torná-las suas, e se engajar em um processo próprio de autodescoberta e autodesenvolvimento. A educação, então, fornece as ferramentas, as habilidades e o conhecimento para criar um indivíduo autoconstituente capaz de pensar e fazer escolhas por si mesmo e capaz de conviver com outras pessoas, respeitando e valorizando as diferenças, e capaz de chegar a um consenso sobre mercadorias, para resolver argumentos e resolver diferenças de forma amigável, ou para aceitar e conviver com diferenças que não podem ser resolvidas (KELLNER, 1998, p. 7).

A sugestão é de que a alfabetização midiática deva avançar como um projeto pedagógico para todos os estudantes; como uma matéria diluída em diferentes disciplinas, que não contemple apenas os graduandos dos cursos de comunicação social, em nível universitário. Mas, que esteja disponível para os alunos de outras áreas, e em estágios anteriores à graduação.

Daí a proposta de criar ações pedagógicas dentro de escolas de ensino médio e fundamental, para orientar os estudantes, desde cedo, a ler e interpretar criticamente os textos da mídia, visando uma ação consciente no mundo:

**Durante todo o tempo, fazemos uma pedagogia crítica da mídia, cujas finalidades são: possibilitar que os leitores e cidadãos entendam a cultura e a sociedade em que vivem, dar-lhes o instrumental de crítica**

que os ajude a evitar a manipulação da mídia e a produzir sua própria identidade e resistência e inspirar a mídia a produzir outras formas diferentes de transformação cultural e social. A pedagogia crítica da mídia desenvolve conceitos e análises que capacitam os leitores a dissecar criticamente as produções da mídia e da cultura de consumo contemporâneas, ajudam-lhes a desvendar significados e efeitos sobre a sua própria cultura e conferem-lhes, assim, poder sobre o seu ambiente cultural (KELLNER, 2001, p. 20).

Seu projeto se mostra, aqui, influenciado pelas obras de John Dewey (1936) e de Paulo Freire (1968). Como foi sustentado por este último, “a alfabetização em televisão”, ou amplamente em mídia, “não é lutar contra a televisão, uma luta sem sentido, mas como estimular o desenvolvimento da curiosidade e do pensar críticos” (FREIRE, 2000, p. 49). Acrescentando:

É que pensar em televisão ou na mídia em geral nos põe o problema da comunicação, processo impossível de ser neutro. Na verdade, toda comunicação é comunicação de algo, feita de certa maneira, em favor ou na defesa, sutil ou explícita, de alguma coisa contra algo e contra alguém, nem sempre claramente referido. Daí também o papel apurado que joga ideologia na comunicação, ocultando verdades, mas também a própria ideologização no processo comunicativo. Seria uma santa ingenuidade esperar de uma emissora de televisão de grupo do poder dominante que, noticiando uma greve de metalúrgicos, dissesse que seu comentário se funda nos interesses patronais. Pelo contrário, seu discurso se esforçaria para convencer que sua análise da greve leva em consideração os interesses da nação (FREIRE, 2000, p. 49).

Para o acadêmico norte-americano, Freire desenvolveu uma alfabetização com potencial de gerar ações transformadoras no mundo, visto que o pensador brasileiro “percebeu que a educação é muitas vezes uma

forma de doutrinação, de reforço da conformidade com os valores dominantes e de reprodução social, na qual alguém é orientado para a submissão e aceitação de um status oprimido e subordinado”. Portanto, o que Freire chamou de “pedagogia dos oprimidos deve se opor às concepções dominantes de educação e escolaridade, e desenvolver pedagogias mais críticas e emancipatórias visando a transformação social radical” (KELLNER, 2003b, p. 6).

Dando continuidade a essa leitura, Kellner salienta a dimensão pragmática da alfabetização midiática, visando o uso crítico da mídia como instrumento de mudança social. Compreender criticamente o papel que a mídia desempenha na ordem vigente seria colaborar com a luta pelo aprofundamento da democracia e da participação cidadã.

**Para Freire, a educação emancipatória envolve subverter a dialética hegeliana mestre/escravo, na qual indivíduos oprimidos realizam uma transformação de objeto em sujeito e, portanto, se tornam adequadamente um sujeito e um ser humano mais desenvolvido. [...] O desenvolvimento de uma “pedagogia dos oprimidos” exige a criação de processos de aprendizagem que realmente ajudem os indivíduos a se melhorar e a criar uma vida melhor por meio da transformação social e do empoderamento, em vez de se conformarem com valores e opiniões dominantes (KELLNER, 2003b, p. 6).**

Uma educação emancipatória significa superar o erro de trabalhar com ações de cima para baixo, impostas, por exemplo, por um grupo de professores, que definirá quais serão os materiais de estudo. O processo deve ser horizontal. Para Kellner, os “exercícios de alfabetização midiática podem muitas vezes envolver de forma intensa a participação dos alunos em um processo de aprendizado mútuo, no qual professores e alunos aprendem juntos habilidades e competências de alfabetização midiática” (KELLNER, 1998, p. 9).

Inspirado a trabalhar em uma pedagogia horizontalizada, que valorize os modos de participação, Kellner também está preocupado em identificar e analisar as formas pelas quais a mídia produz/reproduz o racismo, o sexismo, a homofobia e outros preconceitos. O objetivo seguinte é encorajar os estudantes a encontrar suas próprias vozes e produzir representações mais plurais, por meio da crítica à cultura da mídia. Isto é, a alfabetização midiática deve gerar momentos de reflexão da realidade vivida, buscando sempre as práticas democráticas. Essas seriam potencializadas sempre que alinhadas às novas tecnologias da comunicação.

Kellner explica ainda que a alfabetização midiática deve seguir por dois caminhos para se aproximar do conhecimento da informática. O primeiro está associado ao nível técnico, responsável pelo desenvolvimento de “habilidades básicas de digitação, uso de programas de computador, acesso à informação e uso de tecnologias de computador para uma variedade de propósitos, desde comunicação verbal até expressão artística” (KELLNER, 1998, p. 9).

A respeito do segundo, fala-se de uma relação com o intelecto: habilidades de decodificar imagens, sons e textos; desenvolvimento da leitura e escrita, que colaborem para um exame crítico diante do crescente número de informações às que somos expostos.

**Além das habilidades cognitivas lineares que são necessárias para a leitura tradicional de material impresso, a alfabetização multimídia requer a capacidade de ler hipertextos que são frequentemente multidimensionais, exigindo a conexão de imagens, gráficos, textos e, às vezes, material de áudio e vídeo. Envolve também a criação de conexões entre o mundo cibernético complexo e de múltiplas camadas e sua conexão com o mundo real. [...] Tal esforço seria parte de uma nova pedagogia crítica, que tenta capacitar criticamente os indivíduos para que eles possam analisar e criticar a tecnocultura emergente, bem como**

participar de seus fóruns e sites culturais (KELLNER, 1998, p. 11).

Argumenta que os “educadores devem discernir que estamos no meio de uma das mais intensas revoluções tecnológicas da história e que devemos aprender a adaptar novas tecnologias de computação à educação” (KELLNER, 1998, p. 11). Eles devem, portanto, motivar os alunos no uso das plataformas digitais com objetivos pedagógicos e políticos, tornando as ferramentas mais progressistas. Assim, estarão capacitando os alunos para que se tornem “sujeitos ativos na tecnologia de mídia emergente” (KELLNER; KIM, 2010, p. 34).

Sua visão otimista em relação ao desenvolvimento da internet fica evidente quando ele diz que a tecnologia “abriu um espaço para que os indivíduos percebam a crença de Benjamin de que um ‘leitor está sempre pronto para se tornar um escritor’, sugerindo um novo espaço para o engajamento cívico dos cidadãos modernos” (KELLNER; KIM, 2010, p. 3). Depois, em apropriação de Habermas, propõe que a “comunicação interativa e descentralizada na internet pode revigorar o potencial da democratização pedagógica na esfera pública” (KELLNER; KIM, 2010, p. 4).

O autor sugere que a internet seja contrastada com as rígidas práticas escolares, e possa proporcionar aos estudantes a oportunidade de reivindicar a educação como um espaço público de autonomia pessoal e de pluralidade.

**A internet oferece hoje aos indivíduos um cenário pedagógico totalmente novo: a comunicação descentralizada e interativa, um modelo participativo de pedagogia e um fluxo expandido de informações, constituindo assim um novo campo para a conjuntura da educação e da democracia. Este desenvolvimento tecnológico ampliou a participação voluntária dos indivíduos na educação mútua através da proliferação de novas vozes e visões, tornando possível a**

**democratização do conhecimento e da aprendizagem em suas vidas diárias (KELLNER; KIM, 2010, p. 16).**

Com isso, o norte-americano revela sua intenção de atualizar a pedagogia freireana ao enfatizar as potencialidades da internet. Kellner está de acordo com Freire quando este diz que a principal crítica não deve ser destinada à mídia em si, mas à forma excessivamente comercial como ela é usada na sociedade capitalista. O mesmo valeria para a internet, pois Kellner a vê como um conjunto de espaços potenciais de representação e autoexpressão para aqueles indivíduos historicamente excluídos dos meios tradicionais de comunicação. As novas plataformas colaborativas apresentam-se então como espaços que podem “proporcionar aos indivíduos oportunidades significativas de intervir na política cultural midiática” (KELLNER; KIM, 2010, p. 29).

Além do uso da tecnologia, Kellner defende a retomada da valorização do ensino de habilidades artísticas. Uma alfabetização midiática com viés artístico, por sua vez, ensinaria a apreciar as qualidades estéticas da mídia, e a usar as várias tecnologias para potencializar os processos de autoexpressão e criação cultural. Quando essa abordagem está em diálogo com os estudos culturais e a pedagogia crítica, que devem abordar questões de gênero, raça, classe e sexualidade, ela adquire maior potencial para ser uma alfabetização transformadora da mídia (KELLNER; LEWIS, 2007).

### **Considerações finais sobre a proposta**

A alfabetização midiática apresentada por Kellner atribui dimensão pragmática ao seu estudo cultural crítico. Busca analisar e contextualizar a cultura da mídia como produto da luta social, e quer provocar os alunos a criticar mais fortemente as representações e os discursos da mídia. Enfatiza ainda o uso da mídia como modo de autoexpressão e instrumento de ativismo social.

Sua proposta sugere que a alfabetização midiática não é uma pedagogia no sentido tradicional, composta por um cânone de textos definidos e por um conjunto de procedimentos testados de ensino. Trata-se sobretudo de um campo, relativamente recente, ainda em construção, que está despertando crescentemente o interesse de novos estudiosos, a exemplo do autor.

## REFERÊNCIAS

- DAROS, Otávio. Douglas Kellner: a retomada da teoria crítica frankfurtiana sob o impacto da leitura de Marcuse. **Novos Olhares**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 96-105, 2018a. DOI: 10.11606/issn.2238-7714.no.2018.139643.
- DAROS, Otávio. Douglas Kellner e o debate com os estudos culturais. A atualização do discurso crítico. **ECCOM**, Lorena, v. 9, n. 18, p. 179-188, jul./dez. 2018b.
- DEWEY, John. **Democracia e educação**: introdução à filosofia da educação. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. [Obra publicada originalmente em 1916]
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- HOBBS, Renee. **Digital and media literacy: connecting culture and classroom**. Thousand Oaks: Corwin Press, 2011.
- KELLNER, Douglas. *Multiple literacies and critical pedagogy in a multicultural society*. **Educational Theory**, Urbana e Champaign, [s.l.], v. 48, n. 1, 1998.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia — estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001. [Obra publicada originalmente em 1995]
- KELLNER, Douglas. **Media spectacle**. Londres: Routledge, 2003a.
- KELLNER, Douglas. *Toward a critical theory of education*. **UCLA Graduate School of Education & Information Studies**, Los Angeles, 2003b.
- KELLNER, Douglas; BEST, Steven. **The postmodern turn: critical perspectives**. Nova York: Guilford Press, 1997.
- KELLNER, Douglas; KIM, Gooyong. *YouTube, critical pedagogy, and media activism: an articulation*. **UCLA Graduate School of Education & Information Studies**, Los Angeles, 2010.
- KELLNER, Douglas; LEWIS, Tyson. Critical media literacy is not an option. **Springer International Publishing**, Berlin, 2007.
- KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. *Toward critical media literacy: core concepts, debates, organizations, and policy*. **Discourse: studies in the cultural politics of education**, [s.l.], v. 26, n. 3, p. 369- 386, 2005.
- KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. *Critical media literacy, democracy, and the reconstruction of education*. **UCLA Graduate School of Education & Information Studies**, Los Angeles, 2007.
- KRESS, Gunther. **Literacy in the new media age**. Londres: Routledge, 2003.
- LUKE, Carmen. **Feminisms and pedagogies of everyday life**. Nova York: State University of New York Press, 1996.
- LUKE, Carmen. *As seen on TV or was that my phone? New media literacy*. **Policy Futures in Education**, [s.l.], v. 5, n. 1, p. 50-58, 2007. DOI: 10.2304/pfie.2007.5.1.50.

---

MCLUHAN, Marshall. *Understanding media: the extensions of man*. Nova York: Signet, 1964.

NIETZSCHE, Friedrich W. *A gaia ciência*. São Paulo: Hemus, 1976. [Obra publicada originalmente em 1882]

POSTMAN, Neil. *Amusing ourselves to death: public discourse in the age of show business*. Ed. 20º aniversário. Nova York: Penguin Books, 2006. [Obra publicada originalmente em 1986]

POSTMAN, Neil. *Technopoly: the surrender of culture to technology*. Nova York: Vintage Books, 1993.

SHARE, Jeff. *Media literacy is elementary: teaching youth to critically read and create media*. Nova York: Peter Lang, 2009.